

As fricativas sibilantes nas *Cantigas de Santa Maria*

(The sibilant fricatives in the *Cantigas de Santa Maria*)

Mariana Moretto Gementi¹

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita” (Unesp)

mariana_moretto@hotmail.com

Abstract: The aim of this study is mainly to map and analyze the sibilant fricatives in coda position of the *Cantigas de Santa Maria*, Afonso X, the Wise King from the thirteenth- XIII century. Words containing consonants spelled with <s>, <z> and <x> in syllable-final position will be considered as object of study. From a still unexplored corpus, we intend to look into some aspects of the evolution of Portuguese language that refer to the sibilants. Thus, the importance of the description of the relationship between letters and sounds will be shown regarding the possible medieval lyric spellings and regarding the position of the segment in the syllable.

Keywords: sibilant fricatives; coda; archaic Portuguese; *Cantigas de Santa Maria*.

Resumo: O presente estudo tem como objetivos principais o mapeamento e a análise das fricativas sibilantes na posição de coda nas *Cantigas de Santa Maria*, compiladas por Afonso X, o rei Sábio – século XIII. Serão consideradas como objeto de estudo as palavras contendo consoantes grafadas com <s>, <z> e <x>, em posição de travamento silábico. Por meio deste trabalho e a partir de um *corpus* ainda pouco explorado, pretendemos observar alguns aspectos de evolução da língua portuguesa ao que se refere às sibilantes. Dessa forma, mostraremos a relevância da descrição da relação entre letras e sons com relação às grafias possíveis da lírica medieval, no que diz respeito à posição silábica.

Palavras-chave: fricativas sibilantes; coda; português arcaico; *Cantigas de Santa Maria*.

Introdução

O objetivo principal deste estudo é analisar as fricativas sibilantes nas *Cantigas de Santa Maria* (CSM), que são cantigas religiosas medievais galego-portuguesas, mandadas compilar pelo Rei Afonso X de Castela, no último quartel do século XIII. Além disso, pretende-se observar seu comportamento em relação à posição que ocupam na sílaba, observando se existem as oposições apontadas pelos estudiosos entre fricativas surdas e sonoras e entre dentais e alveolares, nas posições mediais e finais da sílaba, ou se essas oposições são condicionadas pela posição da consoante na sílaba. O estudo investiga se, naquele momento, os processos de neutralização das fricativas existiam ou não no português, para, então, estabelecer se esses grafemas representavam sons de caráter distintivo ou não no contexto de início e de travamento silábico.

O fato de escolher as fricativas sibilantes dá-se, primeiramente, pela grande produtividade no *corpus* das *Cantigas de Santa Maria* e, além disso, pelo fato de haver controvérsias quanto à consideração da oposição entre fricativas e entre os autores que vêm estudando o assunto.

A metodologia utilizada neste trabalho baseia-se na possibilidade (ou não) de variação gráfica na representação das consoantes e na possibilidade (ou não) de rima entre essas palavras específicas para determinar sua possível realização fonética naquela época.

Para estabelecer se há ou não oposição entre os sons representados pelos grafemas focalizados, os dados serão analisados a partir do modelo estruturalista de Cagliari (2002).

Corpus: Cantigas de Santa Maria

O *corpus* escolhido para a realização desta pesquisa foram as *Cantigas de Santa Maria*, por ser a maior coletânea medieval de poesias em louvor à Virgem Maria. O Rei de Castela, Afonso X, as compôs para cantar os feitos da Virgem, e ele próprio as mandou compilar no princípio dos anos sessenta do século XIII. A obra mariana é um monumento literário, musical e artístico de mais elevada importância (cf. PARKINSON, 1998, p. 179), além de ser o mais rico cancionário em louvor à Virgem Maria da Idade Média (cf. METTMANN, 1986a, p. 7; BERTOLUCCI PIZZORUSSO, 1993, p. 142).

O conjunto das cantigas afonsinas é composto por 420 poemas marianos musicados, divididos entre cantigas narrativas ou de milagres, as quais contam os feitos milagrosos da Virgem Santa Maria, a respeito de ajuda com enfermidades, socorro e perigos, ou também na ajuda às decisões do Rei D. Afonso X, e cantigas líricas, de louvor à Virgem Maria como auxiliadora, mediadora e interventora (BERTOLUCCI PIZZORUSSO, 1993, p. 143).

Mettmann (1986a, p.7) afirma que, das 420 *Cantigas de Santa Maria* (descontadas sete repetições), 356 são narrativas e relatam os milagres da Virgem, e as demais, excetuando-se uma introdução e dois prólogos, são cantigas de *loor* (louvor) ou referem-se a festividades do calendário cristão, relativas a episódios da vida de Santa Maria ou de seu Filho Jesus Cristo.

No que diz respeito à proporção das cantigas de milagre e das cantigas de louvor na coletânea, Leão (2007, p. 24) afirma que há predominância das primeiras sobre as segundas, em uma relação de nove para um. Assim, a cada grupo de nove cantigas de milagre segue uma cantiga de louvor, numerada com uma dezena inteira.

A estruturação das cantigas obedece, pois, a um ritmo regular, em que as cantigas de louvor ocupam sempre as dezenas, enquanto as de milagre têm números terminados pelas unidades de um a nove, comparando-se esse sistema, aproximadamente, ao de um rosário. (LEÃO, 2007, p. 24)

Nas cantigas de milagres, D. Afonso agradece às curas de suas enfermidades, e também pode ser uma testemunha do fato miraculoso, ou ainda, um conhecedor que dele teve notícia por leitura ou por ouvir dizer, como podemos observar abaixo, no resumo da cantiga 7, feito por Ângela Vaz Leão (2007, p. 26):

Uma abadessa, que não era benquista pelas monjas suas subordinadas, engravida-se de um homem de Bolonha. As monjas, alegres por isso, vão acusá-la ao bispo de Colônia (diocese a que pertencia o convento), que vem, em comitiva, apurar o fato *in loco*. Reunida a comunidade diante o bispo, que pede explicações à monja, esta permanece silenciosa no interrogatório. Depois, retira-se e vai orar à Virgem diante do altar, chorando. Aí começa o milagre: ela se deita e adormece profundamente. Durante o sono, é salva pela Virgem Maria, num parto miraculoso, operado por dois anjos do séquito mariano, que, como se vê pelas iluminuras (mas não pelo texto), depois levam o recém-nascido para ser criado fora dali, por um ermitão, certamente devoto da Virgem. A abadessa acorda e, imune assim às acusações das monjas, vai se apresentar ao bispo. Este, após determinar que ela

se dispa, examina-lhe os seios desnudos e a isenta de culpa, dizendo que nela nada pode encontrar para acusá-la.

Além de ser um exemplo de cantiga de milagre, Ângela Vaz Leão explica que a partir deste milagre se pode avaliar a importância das *Cantigas de Santa Maria* como testemunho social da época, pois explica a vida num convento e, a partir disso, podemos pensar que as cantigas de milagre são uma valiosa fonte histórica para o conhecimento do viver e do morrer, das doenças e das calamidades, do jogo e da prostituição, dos ofícios e dos lazeres, das crenças e das religiões, da vida quotidiana e do imaginário popular, enfim de toda a cultura ibérica, na Idade Média (LEÃO, 2007, p. 27).

As cantigas de louvor constituem a parte essencialmente lírica da coletânea, mostram sempre o Rei-trovador diante da Virgem Maria, exaltando-lhe as qualidades, louvando sua beleza ou oferecendo-lhe a sua devoção. Ângela Vaz Leão (2007, p. 29) afirma que Dom Afonso X foi um apaixonado “trovador da Virgem”, pois, nas cantigas de louvor, o trovador da Virgem Maria tem um comportamento masculino semelhante ao das *cantigas d’amor*, ao mesclar os ideais do amor cortês com os do Cristianismo, e a mulher amada se sublima em Santa Maria.

As *Cantigas de Santa Maria* foram escritas em galego-português e contêm notação musical, acompanhadas por pautas musicais que eram cantadas. A autoria é atribuída a Dom Afonso X, o Rei Sábio, porém há autores que contestam que o rei tenha a autoria total da obra. Além da notação musical, as cantigas contêm, também, *iluminuras* - desenhos miniaturizados que representam o conteúdo que está sendo narrado na respectiva cantiga.

Parkinson (1998, p. 179) afirma que as CSM constituem um monumento literário, musical e artístico da mais elevada importância. Para Bertolucci Pizzorusso (1993, p. 144), a coletânea das CSM é uma obra para ser vista e ouvida, na qual “uma milagristica por imagens junta-se à milagristica em versos”. Há um perfeito equilíbrio entre texto, melodias e pintura e, assim, Mettmann (1986b, p. 8) afirma que as CSM ocupam um lugar privilegiado na literatura medieval e revelam que, para seu principal idealizador, o Rei Afonso X, a música e a pintura não eram menos importantes do que o “contar”, o “trovar” e o “rimar”. Sobre esse assunto, Leão (2007, p. 30-31) declara: “Conforme se reconhece hoje, os textos, as iluminuras e as notações musicais, em conjunto, fazem das *Cantigas de Santa Maria* uma das mais ricas de toda a Idade Média - o que justifica que tenha sido caracterizada por Menéndez y Pelayo como ‘a Bíblia estética do século XIII’”.

A escolha de textos poéticos como *corpus* da pesquisa deve-se ao fato de que, por meio da análise das rimas, é possível obter pistas satisfatórias sobre a realização fônica de vogais e consoantes em momentos passados da língua, dos quais não se têm registros orais.

Nesta pesquisa, optou-se por trabalhar com as cantigas religiosas (e não com as profanas), porque estudos revelam que as CSM, em termos de léxico e de rima, são mais ricas do que as cantigas profanas (cf. LEÃO, 2007, p. 152-153).

Forma de análise dos resultados

Como forma de ilustração, apresenta-se abaixo um exemplo dos procedimentos de mapeamento dos dados utilizados nesta pesquisa. O exemplo citado (1) é um fragmento

da cantiga de número onze (CSM11). Apresentamos os versos de 3 a 17, de um total de 98 versos da cantiga. As palavras que possuem fricativas sibilantes serão grafadas em negrito:

- (1) ESTA É DE COMO SANTA MARIA TOLLEU A ALAMA DO MONGE
QUE SS'AFFOGARA NO RIO AO DEMO, E FEZE-O RESSOCITAR.

Macar ome per folia	3
aginna caer	4
pod'en pecado,	5
do bem de Santa Maria	6
non dev'a seer	7
desasperado.	8
Poren direi todavia	9
com'en hũa abadia	10
un tesoureiro avia,	11
monge que trager	12
con mal recado	13
a ssa fazenda sabia,	14
por a Deus perder,	15
o malfadado.	16
Macarome per folia...	17
[...]	

Depois de mapeadas as ocorrências das fricativas sibilantes, são montados quadros, nos quais os grafemas <s>, <z>, <x>, <c>, <ç>, <sc>, <ss> são divididos entre *onset* (início e meio de palavra) e *coda* (meio e fim de palavra), assim, podemos observar e quantificar todas as ocorrências. Os resultados das ocorrências são analisados tanto quantitativa, quanto qualitativamente.

Em seguida, dentro desta perspectiva, a análise dos resultados é feita no interior do quadro teórico inaugurado pelas teorias fonológicas não lineares, em especial os modelos de Geometria de Traços (CLEMENTS; HUME, 1995; para o Português Brasileiro, CAGLIARI, 1998).

Resultados

A coleta de dados no *corpus* deste estudo possibilitou o mapeamento das fricativas sibilantes (grafadas por <s>, <z> e <x>, <c>, <ç>, <sc>, <ss>) nas 50 primeiras CSM. Apresentaremos a seguir os resultados obtidos.

Conforme podemos observar na Tabela 1, foi coletado um total de 7.151 de ocorrências de consoantes fricativas:

Tabela 1: Quantificação das ocorrências nas consoantes fricativas mapeadas no *corpus*

Consoantes sibilantes	Quantidades (percentual)
<i>Onset</i>	3.524 (49,3%)
Coda	3.627 (50,7%)
Total	7.151 (100%)

Desse total, dividimos os grafemas e quantificamos na posição de *onset* e coda, como podemos observar nas tabelas 2 e 3, abaixo:

Tabela 2: Consoantes sibilantes em posição de *onset*

Grafema/ posição do som na sílaba	Posição Inicial de palavra	Posição Medial de palavra	Subtotal
<s>	1637 (79,3%)	427 (20,7%)	2.064 (100%)
<ss>	182 (26,4%)	508 (73,6%)	690 (100%)
<sc>	0	0	0
<ç>	1 (0,40%)	240 (99,6%)	241 (100%)
<sç>	0	0	0
<z>	0	325 (100%)	325 (100%)
<x>	14 (20,6%)	54 (79,4%)	68 (100%)
<c>	83 (33,4%)	165 (66,6%)	248 (100%)
Subtotal	1.917	1.719	3.636

Tabela 3: Consoantes sibilantes em posição de coda

Grafema/ posição do som na sílaba	Posição Medial de palavra	Posição Final de palavra	Subtotal
<s>	766 (23,8%)	2.455 (76,2%)	3.221 (100%)
<ss>	0	0	0
<sc>	0	0	0
<ç>	0	0	0
<sç>	0	0	0
<z>	7 (2,4%)	290 (97,6%)	297 (100%)
<x>	0	2 (100%)	2 (100%)
<c>	0	0	0
Subtotal	773	2.747	3.520

Fricativas sibilantes nas *Cantigas de Santa Maria*

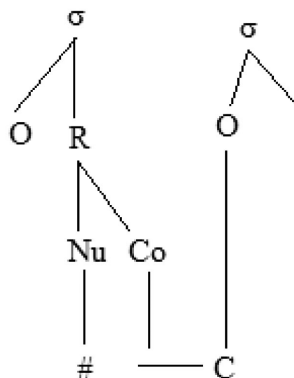
Abaixo iremos discutir os dados obtidos na coleta feita na posição de coda nas cinquenta primeiras CSM.

Em primeiro lugar, foi feito um mapeamento das ocorrências das consoantes fricativas sibilantes do *corpus*, levando em consideração sua posição na sílaba (na coda); em seguida, tendo como objetivo apresentar o sistema das consoantes fricativas empregado pelos trovadores que compuseram as cantigas religiosas em galego-português, foram analisadas todas as ocorrências de fricativas sibilantes na posição de coda encontradas no *corpus*.

Sibilantes em coda em posição medial de palavra

Abaixo podemos observar as ocorrências de sibilantes em coda em posição medial de palavras mapeadas (2) no *corpus*, que correspondem ao contexto representado:¹

(2)



<s> - Contexto: entre vogal e consoante: Conpostela [CSM A, v.3]; batismo [CSM 4, v.100]; Cristo [CSM 13, v.3].

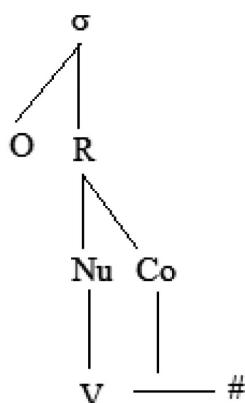
- Contexto: entre vogal e consoante, em contexto de elisão: [...] que sterreces [CSM 20, v.39]; [...] a 'scodudas [CSM 31, v.68]; [...] que speciais [CSM 34, v.27]; [...] toda 'sclareceu [CSM 15, v.91].

<z>-Contexto: entre vogal e consoante: fazfeiro [CSM 45, v.26]; dezpraz [CSM 47, v.15]; azcûa [CSM 22, v.25]; vezÿos [CSM 45, v.12].

Sibilantes em coda em posição final de palavra

Abaixo podemos observar as ocorrências de sibilantes (3) em coda em posição final de palavras mapeadas no *corpus*, que correspondem ao contexto representado:

(3)



¹ A sílaba é definida como uma estrutura hierarquicamente organizada em constituintes silábicos, que se ramifica em *onset* (O) e *rima* (R). A *rima* se ramifica em *núcleo* (Nu) e *coda* (Co), sendo que o *núcleo*, no português, aloja as vogais e constitui o pico silábico e a *coda*, as consoantes da *rima*. O *onset* é o elemento que precede o núcleo de uma sílaba e é geralmente formado por uma ou mais consoantes, e a *coda*, é a consoante ou as consoantes em posição pós-nuclear dentro de uma sílaba, ou seja, após a vogal nuclear. A *coda*, juntamente com o *núcleo*, se denomina *rima*, que não é totalmente necessária em uma sílaba.

<s> - Contexto: depois de vogal (são maioria das palavras), como cantares [CSM B, v.41]; miragres [CSM A, v.24]; coitas [CSM 5, v.25].

<z> - Contexto: depois de vogal no final de palavra como em: faz [CSM 3, v.3]; cruz [CSM 5, v.174]; fiz [CSM 28, v.122].

<x> - Contexto: depois de vogal no final de palavra. Foram encontradas apenas duas ocorrências: aprix [CSM 25, v.16]; fix [CSM 47, v.13].

Análise dos dados na posição de coda no meio e no final da palavra

Na posição de coda no meio da palavra, foram encontrados apenas os grafemas <s> e <z>, os quais estão no contexto entre vogal e consoante, como nas palavras: *Conpostela* [CSM A, v.3]; *batismo* [CSM 4, v.100]; *Cristo* [CSM 13, v.3].

M. Said Ali (1905, p.8) explica que o *s* antes de outra consoante terá valor fonético ora surdo ora sonoro, conforme for surda ou sonora a consoante imediata como nas palavras encontradas no *corpus*: *batismo* (CSM 4, v.100), *Bispo* (CSM 7, v.35), *Cristo* (CSM 13, v.3), *Conpostela* (CSM 26, v.64). No caso de sufixo de plural e de desinência pessoal de 2º pessoa escreve-se *s*, e não *z*, como nas palavras encontradas nas *CSM cantares* (CSM 8, v.28), *saberdes* (CSM 5, v.174), *comerás* (CSM 15, v.54). O fato de essa escrita vir com <s> e não com <z> mostra que a pronúncia [s] era típica nesses contextos.

Outra questão interessante encontrada na análise do *corpus* diz respeito ao grafema <s>, do tipo <s + oclusiva> no início de palavra, como nos exemplos *sterreces* [CSM20, v.39], *'scodudas* [CSM 31, v.68], *speciais* [CSM 34, v.27], *'sclareceu* [CSM 15, v.91]. Nesses três exemplos, assim como afirma Massini-Cagliari (2005, p. 98), a forma métrica do verso está correta, não há a necessidade da inserção da vogal inicial para acertar a contagem da sílaba poética. No entanto, na palavra *[e]splandores* (CSM 384, v.18), o editor (METTMANN, 1989, p. 282) achou melhor acrescentar a vogal “e” para que o verso tivesse o número de sílaba exigido pela métrica do poema. Portanto, assim como Massini-Cagliari (2005, p. 98) concluiu, a vogal não era pronunciada nas palavras transcritas.

Uma outra questão levantada pela autora e observada em nossas análises foi qual seria a estrutura inicial das palavras *sterreces*, *'scodudas*, *speciais*, *'sclareceu*. Estaria na posição de *onset* complexo ou coda? Sobre essa questão Massini-Cagliari (2005) explica:

Em todos os exemplos mapeados, as seqüências de S+C(C) sempre ocorrem depois de palavra terminada em vogal, a não ser no caso do exemplo *[e]splandores*, em que o editor postula a necessidade da vogal inicial. Por este motivo, é mais provável a hipótese de estar ocorrendo um processo de sândi, que apaga a vogal inicial de *estrela* (ou impede a sua inserção, no caso de modelos fonológicos que consideram essa vogal epentética), e liga o “S desgarrado” à coda da sílaba anterior. (p. 98)

Os exemplos *'scodudas* e *'sclareceu* mostram casos em que processos de sândi (crase, no primeiro caso, e elisão, no segundo) ocasionam o “desgarramento” do S da sílaba a que originariamente pertenceria, dado o apagamento do núcleo, e a sua adjunção ao núcleo da sílaba imediatamente anterior.

Portanto, analisando esses casos, podemos concluir que o PA não possui ataques silábicos supercomplexos, uma vez que em nenhum dos casos pode-se afirmar que o “S desgarrado” se realiza no *onset* da sílaba (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 98).

Os grafemas <s>, <x> e <z> aparecem em posição de coda simples e todos com a representação sonora de [s], como em: *miragres, fix, fez, fiz*. Isso ocorre por haver neutralização entre os fonemas /s/ e /z/ na posição de coda. Por isso, pode-se representá-los através do arquifonema /S/, assim como fez Câmara Jr. (1995[1970]) para o PB (PINHEIRO, 2004, p. 70).

Em Massini-Cagliari (2005), a autora mostrou que em relação ao preenchimento silábico, dada a maior presença de palavras estrangeiras associadas às histórias milagrosas, há maior ocorrência de codas irregulares constituídas de oclusivas nas cantigas religiosas do que nas profanas.

Apesar de no PA predominarem as sílabas abertas, como afirmou Biagioni (2002, p. 87-88), o travamento silábico é permitido. No entanto, as possibilidades são restritas quando se referem às consoantes que podem ocupar a posição de coda no PA.

Consoante na posição de coda simples:

Quadro 1. Consoantes na posição de coda simples (BIAGIONI, 2002, p. 83)

Consoante	Grafemas correspondentes	Exemplos
/S/	<s>, <x>, <z>	Varões, diz, quis, Deus, jaz, fez, paz, luz, emperadriz, aprix, fix
/r/	<r>	Lazerar
/l/	<l>	Tal
/N/	<m> e <n>	bem, razon

Biagioni (2002, p. 83) afirma que /r/, /l/, /S/ e /N/ são consideradas consoantes, formando codas simples, isso quer dizer que o PA proíbe codas complexas. Além disso, a autora diz que os segmentos /S/ e /N/ são considerados arquifonemas por duas razões: o primeiro porque possui mais de uma realização fonética e o segundo por haver neutralização da oposição, em contexto de travamento silábico, oposição que havia no contexto de início de sílabas entre os sons /m/ e /n/. Em exemplos como *bem* e *razon*, admite-se que os grafemas <m> e <n> não eram pronunciados como consoantes [m] e [n], mas indicavam apenas a presença de uma vogal nasalizada.

Na posição final da palavra, podemos identificar, ao analisar nossa coleta de dados do *corpus*, buscando todas as palavras que possuem consoantes fricativas na posição de coda silábica nas CSM, rimas silábicas grafadas com <s>, rimas grafadas com <x> e rimas grafadas com <z>. Pode-se perceber que não há oposição entre os sons representados por esses grafemas, pois não há pares mínimos que indiquem oposição. Portanto, na posição de coda, essa oposição desaparece; por exemplo, na vigésima terceira estrofe da CSM 57, aparecem os seguintes versos: “E pois que os ladrões / ant’o altar trouxeron, / por eles orações / e pregairas fezeron”. Nesse exemplo, encontram-se na posição focalizada, finalizadas por grafemas representativos de consoantes fricativas, as palavras *ladrões* e *orações*.

No livro *Análise Fonológica* (CAGLIARI, 2002, p. 46-48), o autor diz que, em relação à distribuição dos fonemas, podemos notar que dois sons foneticamente semelhantes ocorrem

em oposição fonológica em certos contextos, mas não estão em oposição fonológica em outros contextos. Ou seja, a oposição fonológica que ocorre num contexto se neutraliza em outro contexto.

Algumas razões para a neutralização de uma oposição fonológica são: a não ocorrência de um dos membros do par de fonemas; a ocorrência complementar deles, caso em que um fonema ocorre num contexto e o outro em outro tipo de contexto; ocorrência de variação livre, envolvendo os sons em questão. (CAGLIARI, 2002, p. 46)

Segundo M. Said Ali (1905, p. 8), a ortografia da sibilante final do português atual é determinada pela pronúncia da vogal que a precede, como no caso de a vogal ser precedente da tônica, escreve-se com *z*: *paz, nariz, paiz, timidez, Pariz, cruz*. Nessa regra, há as exceções dos pronomes (*nós, vós*) e os vocábulos *tres, Moysés, aliás, bis, cris, cós, Jesus, jus, pus (substantivo), mas, cis*. Outra hipótese é que se a vogal precedente for átona, escrevemos com *s*: *Marques, Venus, onus, Tunis, lapis, iris, Deus, mais, dois, pois* (SAID ALI, 1905, p. 8).

Segundo Pinheiro (2004, p.70), os grafemas <s>, <z> e <x> aparecem em posição de coda simples, todos com a representação sonora de [s] (valendo /S/), por exemplo: *ondas, fez e fax*. Justamente por haver neutralização entre os fonemas /s/ e /z/ na posição de coda, não há certeza quanto à atualização fonética dos grafemas <z>, <s> e <x> nessa posição. Pode-se, por esse motivo, representá-los através do arquifonema /S/.

A partir da coleta de dados do *corpus* das CSM presenciamos a mesma palavra, com duas ou mais grafias diferentes, *fis* [CSM 5, v.181], *fiz* [CSM 28, v.122], *fix* [CSM 47, v.13], entretanto, quanto à pronúncia das mesmas, sabemos que são variantes [s, z, ʃ], mas é uma hipótese sem provas. O mais provável era uma neutralização fonológica nessa posição, refletida na escrita, de um modo geral. Nos dados, não encontramos nenhuma palavra que tenha <x> em posição de coda no meio da palavra, como “Lixboa”. Por isso, é muito provável que naquela época <x> tinha o som de [s]. Em Edwin Williams (1973, p.102) o autor diz: “O [k] de x final se tornou iode e o s permaneceu: *sex = seis*”. Ele reconhece que em final, o *x* do latim podia ser pronunciado [ks].

Na posição final de palavra, encontramos casos de palavras como *mays* [CSM 5, v.185]; *poys* [CSM 2, v.60]; *depoys* [CSM 3, v.7]; *Seixons* [CSM 41, v.6], <s> em posição de coda em final de sílaba, depois de consoante (semivogal <y> ou nasal <n>). Nesses casos, ocorre a ramificação da coda, ou seja, o primeiro elemento será ou uma nasal ou um glide e o segundo elemento sempre será uma fricativa (*de.poys, sei.xons*). É interessante notar que os elementos /N,L,R,S/ representam grandes classes de modo de articulação de uma consoante: nasal, lateral, vibrante, fricativa. Há líquidas: /L, R/; sonorantes (vozeamento intrínseco): /N, L, R/; e um segmento tipicamente surdo /S/ (CAGLIARI, 1997, p. 35).

Conclusão

Os grafemas <s>, <x> e <z> em posição de travamento silábico correspondem provavelmente a um arquifonema fricativo, ou seja, a um som especificado apenas com o traço fricativo, sem especificação necessária quanto ao traço de vozeamento, porque, apesar de haver a certeza de que se trata de um segmento fricativo, não é possível saber com certeza qual a sua realização fonética exata, nesse contexto, dada a ausência de

variação dos grafemas focalizados nos mesmos dados ou de evidências de oposição. O arquifonema representa a neutralização de uma oposição fonológica estabelecida em outros contextos, ou seja, a oposição fonológica que ocorre num contexto se neutraliza em outro contexto.

Enfim,

[...] cada contexto tem sua estrutura e o que acontece num caso não precisa acontecer do mesmo modo em outros. Por exemplo, há oposição fonológica no Português entre [s] e [z], quando ocorrem entre vogais, como em *caça* e *casa*. Porém, em final de palavras, diante de pausa, só ocorre o [s] e nunca o [z], como se pode observar em palavras como *fiz*, *paz*, *vês*, *avôs*, *todos*, *eles*, etc. (CAGLIARI, 2002, p. 25)

REFERÊNCIAS

BERTOLUCCI PIZZORUSSO, V. Cantigas de Santa Maria. In: LANCIANI, G.; TAVANI, G. (Org.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993. p. 36-41.

BIAGIONI, A. B. *A sílaba em português arcaico*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Araraquara, 2002.

CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

_____. A escrita do português arcaico e a falsa noção de ortografia fonética. In: EARLE, T. F. (Org.). *Actas do V Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*. Coimbra: AIL, 1998. p. 57-69.

_____. *Fonologia do Português: análise pela Geometria de Traços*. Campinas: Edição do Autor, 1997.

CÂMARA JR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. [1. ed., 1970].

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. A. *The handbook of Phonological Theory*. Cambridge MA, Oxford UK: Blackwell, 1995. p. 245-306.

LEÃO, Â. *Cantigas de Santa Maria, de Afonso X, o Sábio: aspectos culturais e literários*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

MASSINI-CAGLIARI, G. *A música da fala dos trovadores: estudos de prosódia do português arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. 2005. Tese (Livre docência em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Araraquara.

METTMANN, W. (Ed.). *Cantigas de Santa Maria (Cantigas 261 a 427): Alfonso X, el Sabio*. Madrid: Castalia, 1989.

_____. Affonso X e elSabio. *Cantigas de Santa Maria* (Cantiga 1 a 100). Madrid: Castalia, 1986a.

_____. Introducción. In: AFFONSO X, EL SABIO. *Cantigas de Santa Maria* (Cantiga 1 a 100). Madrid: Castalia, 1986b. p. 7-42.

PARKINSON, S. Layout and Structure of the Toledo Manuscript of the *Cantigas de Santa Maria*. In: PARKINSON, S. (Ed.). *Cobras e Son: Papers on the Text Music and Manuscripts of the "Cantigas de Santa Maria"*. Oxford: Legenda, University of Oxford, 2000. p. 133-153.

_____. As Cantigas de Santa Maria: estado das cuestións textuais. *Anuário de Estudos Literarios Galegos*, Vigo, 1998.

PINHEIRO, M. H. D. O sistema consonantal do português arcaico visto através das cantigas profanas. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – FCL, Unesp, Araraquara.

SAID ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Casa filial em São Paulo: USP, 1905.

WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português: fonologia, morfologia históricas da língua portuguesa*. Tradução de Antônio Houaiss. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.